

La vie en la terre tupiniquim! Comunicação, cultura e interfaces econômicas nas relações históricas entre Brasil e França.

Janaina Cardoso de Mello¹

VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (Orgs.) **Franceses no Brasil. Séculos XIX-XX.** São Paulo: Editora da UNESP, 2009. 487p.

O *Ano da França no Brasil* celebrado até novembro de 2009 é uma iniciativa do governo dos dois países, com o objetivo de aprofundar as relações bilaterais no âmbito cultural, acadêmico e econômico. É a continuidade do Ano do Brasil na França, ocorrido em 2005, com o mesmo propósito. Dentre as atividades que norteiam a proposta está a realização de diversos eventos como exposições, shows, concertos, ciclos de cinema, seminários e festivais, motivando o turismo e as exportações de produtos entre Brasil e França.

No bojo desse intercâmbio, a publicação organizada por Laurent Vidal e Tania Regina de Luca, reúne estudos que analisam a presença de imigrantes franceses no território brasileiro nos séculos XIX e XX. Vidal, é historiador e professor na Universidade de La Rochelle (França), onde dirige o Centro de Pesquisa em História Internacional e Atlântica (CRHIA) e Luca é historiadora e professora dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista, *campus* Assis.

Os organizadores introduzem a obra, ressaltando uma pesquisa realizada em 1911 pelo Ministério das Relações Exteriores da França tentando estabelecer de forma mais precisa o número de nacionais residentes no exterior através de um censo com dados contabilizados pelos consulados da capital federal, São Paulo e Bahia, identificaram a presença de 11.583 franceses em “terras tupiniquins”. Números que conferiam ao Brasil o segundo país da América Latina em recepção de franceses. (pp.13-14).

¹ Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professora Adjunta I da Área de Cultura Histórica do Núcleo de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Esse livro coletivo apresenta-se dividido em cinco partes que buscam analisar a inserção social do imigrante francês em seu percurso pelo Brasil. Assim, a primeira temática “Imigrar para o Brasil: imagens e realidades” é composta por três textos versando sobre o projeto de imigração, a opção pelo Brasil e a condições dessa viagem transoceânica. Desse modo, o trabalho de Ana Luiza Martins “Presença imigrante francesa no Brasil: entre visões do paraíso e mercados de trabalho” ressalta que a primeira leva do movimento emigratório francês ocorreu com o final das guerras napoleônicas, quando a América foi percebida como um território para novas possibilidades de trabalho (p.29). Já Jorge Luís Mialhe parte de “A emigração francesa para o Brasil pelo Porto de Bordeaux: séculos XIX e XX” para traçar o itinerário de transporte de mercadorias e passageiros com a ampliação das comunicações e do tráfego marítimo após a independência das antigas colônias americanas (p.43). Enquanto Mônica Leite Lessa em co-autoria com Hugo Rogélio Suppo abordam em seu artigo “A emigração proibida: o caso França-Brasil entre 1875 e 1908” quando o governo francês através do Visconde de Meaux, Ministro da Agricultura e Comércio da França, apoiado pelos Ministros das Relações Exteriores e do Interior, emite uma circular proibindo o recrutamento de seus compatriotas pela Agência Brasileira de Imigração (p.83).

A segunda parte da coletânea intitulada “Terra de refúgio, terra de utopia” traz o texto “Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses do Brasil no início do século XIX” de Julierre Dumont que analisa o papel da diplomacia francesa no favorecimento das relações comerciais com o Brasil na tentativa de contrabalançar a influência da Inglaterra na América e tendo as empresas francesas no Brasil como ponto chave desse objetivo (pp.108-109). Um estudo da trajetória de “Um emigrante francês no Brasil: Jean Etienne Seraine (1827-1854)” de Jean Glénisson abordando os relatos epistolares de um francês nascido em Villenauxe – pertencente a rica família de Seraines de Conflans, comerciantes de madeira e membros da burguesia provincial – que desembarca no Rio de Janeiro em 1827 para inicialmente desenvolver suas habilidades no campo da engenharia e da arquitetura na construção de engenhos e drenagem de pântanos (pp.124-126). Ivone Gallo propõe em seu texto um debate sobre “O Brasil e o socialismo do século XIX: fourieristas no Saí” – local correspondente ao atual estado de Santa Catarina – onde o médico homeopata Benoit Mure busca terras para estabelecer uma colônia industrial e um

falanstério (pp.152-153). Dando continuidade à temática, Claudio H. M. Batalha envereda pelos caminhos de “Um socialista francês diante da escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Ricard e o Jornal *Le Sud-Américain*”, um semanário lançado em julho de 1885, voltado para as colônias francesas, assumindo desde o início a defesa da imigração europeia e a crítica da escravidão (p.164). Com Fania Fridman fecha-se essa parte em um artigo sobre os “Judeus-franceses no Rio de Janeiro do século XIX”, expondo nas primeiras décadas do Oitocentos uma grande onda de imigração sefaradita para o Brasil proveniente do norte da África, do Levante e dos Bálcãs para dedicarem-se ao comércio e às casas de penhores (pp.178-179).

Na terceira parte da obra, apresenta-se “O Amplo leque das atividades urbanas”, dando visibilidade ao “Comércio francês e cultura material em São Paulo na segunda metade do século XIX” por Heloisa Barbuy que estuda à partir dos almanaques comerciais e anúncios em periódicos o revestimento simbólico de uma cidade que prometia transportar o consumidor ao mundo referencial do *chic* luxo francês. (p.199) Perpassando ainda pelo texto de Vanessa dos Santos Bodstein Bivar e Eni de Mesquita Samara abordando “Do outro lado do Atlântico: imigrantes franceses na São Paulo do século XIX”, onde constituindo-se o Brasil num dos alvos para a exportação de produtos franceses, agentes consulares através de cartas e relatórios enviados ao Ministério dos Negócios Estrangeiros formavam uma teia de informações sobre os entraves e as possibilidades de expansão comercial em São Paulo (pp.210-211). Já Lená Medeiros de Menezes nos traz as “Facetas marginais do sonho de civilização: imigração francesa e prostituição no Brasil (1816-1930)” revelando um outro lado do *glamour*, quando a emigração não era uma opção mas uma fatalidade no espaço urbano, no qual transitava-se entre a *cocotte comédienne* francesa, artista do Alcazar (teatro francês) e moradora nas *pensions d’artistes* do centro da cidade do Rio de Janeiro, dançava o cançã (p.236) e os favores sexuais ofertados por costureiras e moças pobres que buscavam uma vida melhor longe da terra natal. Enquanto Denise Mattos Monteiro reconstitui “A Casa ‘Boris Frères’ no Ceará”, um prodigioso negócio de importação e exportação com matriz na França e filial no Brasil permanecendo nas mãos da mesma família por décadas (p.253). Para mais adiante nos depararmos com “O espelho francês na ‘Paris das Selvas’” escrito por Maria Luiza Ugarte Pinheiro, perpassando a viagem de Charles-Marie de La Condamine à região do Alto Amazonas, as

descrições de Emille Carrey sobre a Cabanagem no Pará, as confecções e ateliês das modistas sob influência parisiense onde a elite local tentava mirar-se nos ideais de civilização e modernidade (pp.271-278). Encerrando-se com uma leitura de “O *Courrier du Brésil* e o conflito entre associações francesas no Rio de Janeiro por Letícia Gregório Canelas em sua pesquisa sobre o hebdomadário publicado em língua francesa no Rio de Janeiro, instalando seu escritório na Rua do Ouvidor, espaço de mercado suntuoso e elegante sociabilidade (p.290).

A quarta parte, denominada “As experiências das colônias agrícolas” inicia-se com uma investigação de Maria Isabel de Jesus Chrysostomo sobre “Os colonos franceses da colônia Valão dos Veados – 1845-1854” relacionada a um conjunto de medidas adotadas pelos poderes central e provincial de estímulo ao povoamento e à civilização da região de Campos – Rio de Janeiro, buscando ampliar os lucrativos investimentos proporcionados pela exportação do açúcar e do café (p.325). Seguindo-se essa linha de estudos com o artigo de Grégory Corps sobre “A imigração contratada: o caso da colônia de Benevides no Estado do Pará, num contexto de enriquecimento econômico promovido pela comercialização da borracha e incorporação de valores europeus pela elite local, no qual a colônia deveria servir ao propósito de constituir um espaço agrícola para alimentar a população amazônica (p.345). E finalizando com uma análise sobre “Alexandre Bréthel (1862-1901) e os franceses do Carangola” de Françoise Massa que através das cartas desse bretão nascido em 1834 na pequena cidade de Douarnenez, que à partir da segunda metade do século XIX abre uma farmácia em Tombos de Carangola, no extremo norte da província do Rio de Janeiro entre povos indígenas e negros escravos (p.361).

Na quinta e última parte nomeada de “Trajetórias individuais e memória” está presente a pesquisa de Júnia Ferreira Furtado sobre a “Trajetória de franceses em Minas Gerais no século XIX” como Guido Thomas Marlière, Jean-Antoine Monlevade, Claude Henri Gorceix e Paul Ferrand que contribuíram para a abertura de vastas áreas ainda não colonizadas pela Coroa portuguesa, bem como para o aperfeiçoamento da exploração mineral no contexto da necessidade de transformações tecnológicas (p.370). Sendo de autoria de Fábio Simões Cardozo e Marlice Nazareth Soares de Azevedo o artigo “Um francês no Brasil imperial do século XIX: Auguste François-Marie Glaziou” que ao chegar como um simples imigrante e com recursos quase insignificantes, exerceu diversas

atividades econômicas em seu trânsito pelas províncias brasileiras desde amolador de facas (*rémouleur*) até ocupar o cargo de diretor botânico do jardim do Passeio Público, iniciando sua carreira como paisagista (p.389-390). Ao encargo de Dirceu Franco Ferreira e Nelson Mendes Cantarino ficou a apresentação de “Um humanista nos trópicos: a singular trajetória de Hercule Florence no Brasil” que fora caixeiro na casa de roupas de Pierre Dillon no Rio de Janeiro e mais tarde trabalharia na tipografia e livraria de Pierre Plancher, fundador do *Jornal do Commercio* (p.400). Enquanto Marisa Midori Deaecto investigou “B.L. Garnier e A.L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre a França e o Brasil no século XIX”, estabelecendo-se o primeiro no Rio de Janeiro e o segundo em São Paulo para investirem respectivamente no mercad literário perseguido pela polícia francesa, mas de cunho altamente lucrativo como os de conteúdo erótico e na publicação de catálogos e exemplares de obras educacionais (pp. 426-431). Concluindo a coletânea Maria Bernardete Ramos Flores, Émerson César de Campos e Carina Sartori com o texto “Rastros da presença francesa nas terras do Saí: o caso da família Ledoux” que embarcara no navio La Neustrie em 1842 para em terras brasileiras constituírem numerosa descendência e liderança (pp.440-441) .

São 22 artigos que evocam temas pouco ou mal conhecidos sobre os fluxos migratórios entre França e Brasil e seu consequente intercâmbio econômico, político e cultural na interpretação do panorama da sociedade civil que se constitui entre os séculos XIX e XX. Com rica documentação textual e imagética (aquarelas, desenhos, fotografias, charges, ilustrações de revistas oitocentistas, cartografia) no percurso da obra também são apresentados dados quantitativos dos: recenseamentos de franceses no Brasil por distribuição geográfica (pp.46-49), números e perfis de profissionais franceses em território brasileiro entre 1840 e 1890 (pp.55; 58-59) e listagem de jornais publicados em língua francesa no Rio de Janeiro oitocentista (p.311-318). Desse modo, compõem-se um panorama diversificado de fontes e argumentações impulsionadores de novos estudos sobre o tema para que se possa estabelecer uma continuidade na pesquisa e no diálogo entre Brasil e França ao longo do século XXI.